ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS DOS CORPOS NEGROS ASFIXIADO E ESCULPIDO: IRRUPÇÃO DE SABERES DOMINADOS NAS MÍDIAS

DISCURSIVE EVENTS OF THE CHOKING AND CARVED BLACK BODIES: IRRUPTION OF DOMINATED KNOWLEDGE IN THE MEDIA

Claudemir Sousa[1]
[https://orcid.org/0000-0002-5318-5040]
DOI: 10.30612/raido.v15i37.13642

RESUMO: Neste artigo, analisamos a discursivização do acontecimento do corpo negro asfixiado de George Floyd na mídia voltada ao público negro e sua relação com os protestos intitulados "Black lives matter", que incluiu a elaboração da estátua da militante britânica Jen Reid. O objetivo é analisar quais acontecimentos estão à volta desses enunciados produzidos nas mídias alternativas acerca desse evento. Para tanto, construímos um corpus composto por quatro matérias de dois portais, que são: o *site* Mundo Negro e o Portal Geledés. O aporte teórico-metodológico mobilizado se baseia nos princípios da análise enunciativa, que orienta os Estudos Discursivos Foucaultianos. Concluímos que a discursivização da morte de Floyd constituiu um objeto da mídia alternativa pela recorrência aos dizeres da mídia corporativa, em um processo em que ocorre a formação de conceitos que constroem temas, organizam as formas estratégicas de apresentação dos enunciados e delimitam os modos de os sujeitos negros se posicionaram sobre esse acontecimento nesses portais.

Palavras-chave: Discurso; Mídia; Corpo; Negritude; Black Lives Matter.

ABSTRACT: In this article, we analyze the discursivization of the event of George Floyd's asphyxiated black body in the media aimed at black audiences and its relationship with the protests entitled "Black lives matter", which included the elaboration of the statue of the British militant Jen Reid. The aim is to analyze what events are around these statements produced in alternative media about this case. For this purpose, we used as *corpus* four statements from two portals, which are: the websites "Mundo Negro" and "Geledés". The theoretical-methodological contribution mobilized is based on the principles of enunciative analysis, which guides the Foucaultians Discursive Studies. We concluded that the discursivization of Floyd's death constituted an object of the alternative media with recurrence to the sayings of the corporate media, and

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), *campus* Pedreiras. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Professor substituto do IFMA. E-mail: claudemir201089@hotmail.com.

CC BY NC SA

in this process there is the formation of concepts that build themes, organize the strategic forms of presentation of statements and delimit the ways of black people positioned themselves on this case on those websites.

Keywords: Discourse; Media; Body. Blackish; Black Lives Matter.

INTRODUÇÃO

> No dia 25 de maio de 2020, Derek Chauvin assassinou George Floyd após asfixiá-lo com o seu joelho. O primeiro estava armado, o segundo, desarmado. O primeiro era um policial com um contingente de 3 policiais para apoiá-lo, enquanto o segundo, um cidadão comum que estava sozinho. O primeiro é um homem branco, o segundo, um homem negro. Ambos, estadunidenses.
>
> Durante os 8:46 minutos, havia um policial que os observava calado. Floyd agonizando sob o joelho de Chauvin. Calado porque era o seu trabalho. Calado porque não tinha nada a ver com ele. Calado porque era mais um dado para a estatística (TAKAHASHI, 2020, *online*).
>
> A escultura de Jen Reid, manifestante negra do movimento Black Lives Matter, substitui a partir desta quarta-feira (15) a estátua do traficante de escravos britânico Edward Colston (PRADO, 2020a, *online*).

Quais regularidades podemos encontrar entre o corpo negro de George Floyd asfixiado e o de Jen Reid esculpido em resina preta? Que história cruza essas vidas paralelas, "que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las" (FOUCAULT, 2003, p. 210)? As respostas não estão só nesses dois excertos, que expressam apenas um episódio da longa história de violência contra o corpo negro e das lutas desses sujeitos contra o racismo.

Para situar essa discussão, vamos nos ater, inicialmente, ao primeiro enunciado, um excerto de uma reportagem do estudante Henrique Yagui Takahashi, publicada originalmente no *Le Monde Diplomatique Brasil* e ampliada para o portal Geledés, que nos dá uma dimensão de como o assassinato do cidadão negro americano George Floyd foi discursivizado na mídia. A "pesada e temível materialidade" (FOUCAULT, 2007, p. 9) desse enunciado apresenta uma fotografia de Derek Chauvin com o joelho esquerdo sobre o pescoço de Floyd enquanto Tou Thao fica em posição estática para garantir a segurança do policial de poder matar. Essa cena foi registrada em vídeo e fotografia, replicados milhões de vezes em diferentes países.

A materialidade linguístico-discursiva e histórica desse enunciado expõe a existência de lutas em torno da questão "quem somos nós?" (FOUCAULT, 2009), que são transversais, porque não se limitam ao local onde ocorreram; contrárias aos efeitos do poder enquanto tais, porque recriminam o poder policial sobre a vida e a morte dos corpos negros; imediatas, porque criticam as instâncias de poder mais próximas; questionadoras do estatuto do indivíduo, porque clamam pelo direito à diferença e questionam a imposição de uma identidade; e são contrárias aos privilégios do saber e aos efeitos do poder a ele ligados.

A imagem do corpo negro asfixiado de George Floyd é histórica e aponta para o lugar da proveniência (FOUCAULT, 2013a) de um sujeito que cometeu um erro e foi

condenado por alguém não tinha o direito de matá-lo. Seu julgamento foi realizado prévia e simbolicamente, em virtude dos estigmas que o acompanham. A sua morte é a sanção final do erro e traz consigo a sua ligação com um grupo étnico-racial. A atitude do policial é a vingança de um grupo que se julga superior, porque goza de privilégios nas relações de poder, e uma história que se repete todos os dias nos Estados Unidos da América (EUA) e em outros países. Uma luta transversal.

É Foucault (2013a) quem encara o corpo como o lugar da proveniência, ou seja, do pertencimento a um grupo e da dispersão de acontecimentos. No corpo negro de Floyd se localizam os estigmas dos acontecimentos passados e dele nascem os erros, os desfalecimentos. Esse corpo é atravessado de história e arruinado por ela. É a linguagem que marca os acontecimentos e promove a sua dispersão na história e é nessa dispersão que se pode encontrar a proveniência do corpo.

O corpo asfixiado de George Floyd, que grita "*I can't breath*" (não consigo respirar) enquanto é sufocado até a morte, durante 8 min. 46 seg., é atravessada pela história de mais de três séculos de escravidão e de constantes suplícios do corpo negro.

A condição de emergência desse enunciado foi o contexto de uma pandemia, iniciada na China, em dezembro de 2019, e espalhada ao longo de 2020 para diferentes continentes e países, obrigando à adoção do isolamento social como forma de conter a expansão do corona vírus. É na esteira dessa expansão mundial do vírus que ocorre a difusão global da imagem do corpo negro de George Floyd asfixiado e morto. É na sequência desse acontecimento que ocorre uma série de protestos em diferentes países contra o racismo, intitulados de "*Black lives matter*" (vidas negras importam), expressão que passou a denominar um movimento contra o racismo e a violência policial nos EUA desde 2014 e que, após esse ato, ganhou maior notoriedade.

A luta contra o racismo no mundo não é, em si mesma, nova. O que a torna nova é o acontecimento à sua volta (FOUCAULT, 2007). O isolamento social, a disponibilidade de tempo e a maior difusão e recepção de informação fez pessoas negras e brancas protestarem em diferentes países contra a violência policial a que os corpos negros estão expostos, o que mostra a existência de uma necropolítica (MBEMBE, 2016) para essa camada populacional em todo o mundo, ou seja, uma política de fazer morrer, distinta da biopolítica, que funciona pelo fazer viver.

Os protestos contra a morte de Floyd incluem a destruição de símbolos do colonialismo, como a estátua de Colston citada na segunda epígrafe, clamores para que o mundo desfaça o racismo estrutural, tema que passa a ser intensamente falado, de tal forma que atores pediram desculpas por fazerem *blackface* (pintura do rosto de preto para encenar personagem negro), episódios racistas de séries foram removidos, filmes colocaram advertência antes do início sobre conteúdos racistas, cenas extras foram inseridas para explicar o contexto de produção da época, cantores lançaram músicas falando sobre o tema, a indústria da moda refletiu sobre ele, inclusive com publicação de capas de revistas com mulheres negras e gordas, etc.

No Brasil, esse tema foi pautado nas mídias televisivas, impressas e digitais. A Rede Globo de Televisão, maior da América Latina, apoiou os protestos antirracistas, mas foi duramente criticada por promover um debate racial apenas com jornalistas brancos na Globo News. No dia seguinte, esse mesmo grupo promoveu um debate apenas com jornalistas negros, reapresentado na TV Globo aberta, no programa Globo Repórter.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 30 -47 | jan/abr 2021

Essa discursivização trouxe também questionamentos sobre uma real mudança social, se é apenas um modismo ou mais uma forma de ganhar dinheiro com a causa racial. De qualquer forma, a emergência das lutas contra o racismo é apenas um episódio na longa duração da história. Mesmo assim, não se pode deixar de dizer que a difusão global da imagem do corpo negro americano sendo assassinado ganhou muito mais repercussão do que outros casos que ocorrem diariamente em diversos países.

Esse acontecimento se inscreve em uma regularidade de eventos históricos trágicos ocorridos nos Estados Unidos, como o ataque às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, que promoveu a entrada em um universo discursivo em que a circulação de palavras e imagens é dominada pelas lógicas da globalização (COURTINE, 2006), além de ataques a escolas, nos quais vidas americanas foram assassinadas, mas não em quantidade superior ao ocorrido em outras partes do planeta.

Assim, tendo em vista a grande visibilidade que o acontecimento do corpo negro asfixiado de George Floyd ganhou e a sequência de atos antirracistas, que inclui a elaboração da estátua de Jen Reid, neste artigo, analisamos a discursivização do referido assassinato e sua relação com os protestos intitulados "*Black lives matter*" na mídia voltada ao público negro. Para tanto, empreendemos uma pesquisa pela expressão "*Black lives matter*" em dois portais, que foram: o *site* Mundo Negro e o Portal Geledés, no dia 27 de agosto de 2020, e apresentamos dois quadros com os resultados que foram retornados. Com base nos princípios da análise enunciativa, de Foucault (2008), promovemos um recorte no arquivo sobre tal tema e selecionamos alguns enunciados para discussão aqui, como detalharemos na seção metodológica deste estudo.

O aporte teórico que mobilizamos para essa discussão são os Estudos Discursivos Foucaultianos, baseados na arqueogenealogia do discurso do autor (FOUCAULT, 1999; 2003; 2007; 2008; 2009; 2013a; 2013b). Este artigo está estruturado do seguinte modo: adiante, traremos algumas considerações teóricas acerca do corpo, do acontecimento e do saber nas discussões arqueogenealógicas de Foucault. Em seguida, descreveremos o processo de montagem do *corpus* com base na análise enunciativa de Foucault (2008). Depois disso, traremos a discussão a partir das matérias selecionadas para análise e, por último, as considerações finais.

1. O CORPO COMO LUGAR DA EMERGÊNCIA DO ACONTECIMENTO NA HISTÓRIA: GENEALOGIA E SABERES DOMINADOS

Os conceitos de corpo, acontecimento e saber emergem nas discussões de Foucault sobre a formação de determinados domínios de saber científico que objetivam o homem; as disciplinas, a regulamentação e a normalização dos corpos em práticas de biopolítica e governamentalidade, sob ação de um biopoder (compreendido, em primeira instância, como um poder sobre a vida em seu aspecto biológico); e as formas de subjetivação, nas quais o sujeito realiza uma experiência de si, tendo o corpo como o centro.

A noção de acontecimento é da ordem da produção de enunciados, não se restringindo a um evento histórico passado, e sim abrangendo a sua discursivização. A análise enunciativa proposta por Foucault (2008) considera o discurso em sua irrupção de acontecimentos, ou seja, descreve os momentos em que ele emerge como começos relativos, em sua dispersão temporal, que lhe possibilita ser transformado, esquecido, em vez de remeter à sua longínqua origem, anterior a qualquer influência.

Essa análise dos acontecimentos discursivos coloca a questão "como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?" (FOUCAULT, 2008, p. 30), porque leva em consideração os princípios de raridade, segundo o qual nem tudo pode ser dito; de dispersão, pois os enunciados não se encontram agrupados; e de descontinuidade, que implica renuncia à suposta ideia de linearidade da história.

Foucault (2013a) considera que a história não é uma narrativa sequencial de acontecimentos que se organizam linearmente, e sim o lugar do acontecimento pensado como forma de emergência, que é a irrupção sem um agente causador, e também de proveniência, que "diz respeito ao corpo" (FOUCAULT, 2013a, p. 64). A proveniência é pensada como uma origem não fundante ou essencialista, mas fragmentária, heterogênea.

A genealogia, como pesquisa da proveniência, possibilita reencontrar a proliferação dos acontecimentos, demarcar os acidentes, os ínfimos desvios que deram nascimento ao que nós somos. A genealogia é esse empreendimento que mostra as camadas heterogêneas que tornam instável nossa proveniência.

O corpo é o lugar da proveniência, a "superfície de inscrição dos acontecimentos" (FOUCAULT, 2013a, p. 65). A genealogia é o ponto de articulação do corpo com a história, "corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo" (FOUCAULT, 2013a, p. 65). O corpo resulta dos regimes que o constroem, como o trabalho, o repouso, as festas, o envenenamento, a alimentação, os valores, os saberes, as disciplinas e as formas de relação consigo.

Além de estar sujeito a formas de agenciamento de saberes e poderes, o corpo cria formas de resistência. O corpo é o lugar onde nascem nossos desejos e os saberes que nos conduzem a formas de vida livre de sujeições. Foucault (2013b) considera a genealogia como empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, ou seja, uma forma de reativação dos saberes menores das hierarquias de poderes de discursos que se propõem unitários, científicos e verdadeiros como forma de desqualificar outros saberes.

Dessa discussão, decorre o seu conceito de saberes dominados, compreendidos como aqueles saberes das pessoas, considerados "ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade" (FOUCAULT, 2013b, p. 266). Para Foucault (2008, p. 204), "um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva". As pesquisas genealógicas se articulam com a arqueologia, pois essa é um método de análise dos saberes dominados, cuja ativação se faz pela genealogia como tática, que os faz emergir no interior de grandes blocos de saber.

As investigações feitas por Foucault situam o contexto europeu, mas, mesmo assim, auxiliam-nos, na medida em que podemos fazer alguns deslocamentos para tratar do corpo negro, que possui uma história de objetivação por saberes, disciplinamento e formas de resistência em países colonizados que faz emergir diferentes práticas. As discussões de Foucault (1999) sobre a emergência do fazer viver e deixar morrer na Europa no século XVIII, por exemplo, não têm a mesma cronologia em todos os países.

Até o século XIX, o Brasil viveu diferentes processos disciplinares do corpo negro. Findada a escravização como um sistema social instituído legalmente, persistiram

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 30 -47 | jan/abr 2021

formas de exclusão e de disciplinamento desse corpo, sob a ação de um necropoder, que se exerce por meio da necropolítica (MBEMBE, 2016), ou seja, de uma política de exposição à morte ou de fazer morrer os sujeitos tidos como indesejáveis.

Nos séculos XVIII e XIX, os julgamentos feitos pelas classes senhorias de que os negros eram indolentes, facinorosos ou com capacidades produtivas inferiores, com domínio rudimentar de práticas de produção, levou à exclusão do direito agrário e ao confinamento desses corpos em áreas rurais ou suburbanas não cultiváveis (ALMEIDA, 2008). Na atualidade, essa condenação do sujeito negro feita *a priori*, por julgá-lo como potencialmente criminoso, tem como efeito sua inserção em espaços disciplinares e de exclusão, como os quilombos, as favelas, os assentamentos, os hospitais psiquiátricos e as prisões, nos quais são constantemente assassinados.

Há uma suposta propensão à criminalidade nos corpos negros que se apoia em discursos e saberes formulados em domínios científicos como a biologia evolucionista e a frenologia (SCHWARCZ, 1993). Tal discurso fomenta a violência policial contra a população negra, objeto de críticas de variadas ordens e, ao mesmo tempo, elogiada e defendida por sujeitos que se beneficiam dela, por acreditarem que fazem parte da parcela da população que merece a proteção da lei ao passo que a outra parcela, constituída por sujeitos marginalizados, negros, pobres e habitantes de áreas suburbanas, não merece essa proteção. Essa polarização revela a remanência (FOUCAULT, 2008) de um discurso e de uma prática de colonização dos corpos negros, que os concebem como merecedores de morrer por terem uma suposta potencialidade criminosa.

Ao mesmo tempo, emergem saberes que contestam esses discursos e práticas. Desde o século XIX, autores da literatura afro-brasileira, a imprensa negra, organizações sociais, como o Movimento Negro e os Centros de Cultura Negra, além de trabalhos acadêmicos de autores como Lélia Gonzales, Abdias do Nascimento, Clovis Moura, etc., formulam saberes que questionam a condenação *a priori* do corpo negro.

A forma como a polícia age em abordagens a negros é denunciada há algumas décadas por integrantes do Movimento Negro e pesquisadores universitários que a atribuem ao racismo estrutural decorrente do passado colonial e escravocrata. Entretanto, os assassinatos diários de moradores de favelas, comunidades quilombolas e indígenas por policiais ou grileiros entraram na ordem do normal no Brasil, que pratica uma necropolítica (MBEMBE, 2016) para esses corpos, que os mata ou deixa morrer.

Normal que também foi abalado na ordem discursiva brasileira, quando eclodiram os protestos contra a morte de George Floyd. Houve, no Brasil, manifestações contra o assassinato de João Pedro, de 14 anos, atingido por um tiro disparado por um policial que fazia operações em uma favela no Rio de Janeiro (RJ), e a morte de Miguel, criança negra e Recife, Pernambuco (PE), após cair no vão de um elevador do prédio onde sua mãe, mulher negra e empregada doméstica, trabalhava para uma família branca, fenômeno que também é uma herança escravista e se integrou ao normal de nossa sociedade. Esse fato criou revolta porque o botão do elevador foi apertado pela mulher branca empregadora da mãe da criança que morreu.

Nesse sentido, na seção que segue vamos descrever de que maneira e por quais critérios selecionamos e organizamos o *corpus* dessa discussão sobre a discursivização da morte de George Floyd e dos protestos intitulados "*Black lives matter*" na mídia.

2. UM PERCURSO METODOLÓGICO PARA ANÁLISE ENUNCIATIVA DO CORPO NEGRO NA MÍDIA

Para compor o *corpus* deste estudo, utilizamos como critério que a superfície de emergência (FOUCAULT, 2008) fosse uma mídia voltada para o público negro. Escolhemos dois *sites*: o Portal Geledés e o *site* Mundo Negro. Ambos integram o grupo das mídias alternativas, porém se inter-relacionam com as mídias corporativas. A grande mídia tem sido o objeto privilegiado de estudo, o que nos coloca diante de uma visão oficial da história, tida como verdadeira e unitária.

Capelato (2014) considera que os jornais da grande imprensa são uma importante fonte e objeto de estudos da história do tempo presente. Os representantes dos jornais da grande imprensa brasileira atuarem como apoiadores ou opositores dos governos e participarem de movimentos que mudaram os rumos da história nacional. Para Weffort (1984), os jornais promovem articulações, conspirações e criam fatos e realidades que interferem nos rumos da história, pois são empresas familiares que buscam na política formas de se legitimar e sobreviver.

Não se pode considerar que as mídias alternativas sejam isentas, visto que, atualmente, ocorre um processo de convergência das mídias (JENKINS, 2009), caracterizado pela colisão entre as novas e as velhas mídias, pelo cruzamento entre as mídias corporativas e as mídias alternativas e pela interação entre o poder do produtor de mídia e do consumidor. Mesmo assim, são as grandes corporações que fornecem as bases para a produção de informações e de conteúdos que circulam em escala global. Nesse sentido, os dois portais têm como tema ou objeto o universo afro-descendente e veiculam conteúdos para o público negro, conforme consta nas suas descrições. O "Geledés - Instituto da Mulher Negra" foi criado pela filósofa Sueli Carneiro, em 1988, em São Paulo, e o *site*, em 1997, também por ela. Já o "Mundo Negro" foi criado pela jornalista Silvia Nascimento.

Outro critério que definimos foi que buscaríamos nos *sites* pela expressão "*Black lives matter*", selecionando apenas as matérias relativas ao ano de 2020 e relacionadas ao assassinato de George Floyd. Adotamos esses critérios porque sabemos das possibilidades e limites de trabalhar com um arquivo aberto no meio digital. Existe um arquivo muito maior de reportagens sobre tal expressão em ambos os portais. Foucault (2008, p. 147) compreende o arquivo como "a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares" e também o que faz com que as coisas ditas não se acumulem indefinidamente nem se agrupem em uma linearidade, mas segundo regularidades próprias que o analista deve fazer emergir.

O arquivo é o que possibilita enunciar. Ele é inapreensível em sua totalidade. É no seu interior que falamos e, portanto, ele é aberto. Muitas outras formulações sobre esse acontecimento serão feitas, mesmo assim, em uma concepção de história como acontecimento isso não representa um obstáculo.

Assim, ao pesquisar pela expressão "*Black lives matter*" no *site* Mundo Negro, foram retornados nove (9) resultados do ano de 2020, que foram os seguintes:

CC BY NC SA

Tabela 1 – Resultados para *"Black lives matter"* no site Mundo Negro

Data	Título
02/06/2020	BlackOutTuesday: Artistas aderem a campanha em apoio ao movimento negro
04/06/2020	#blacklivesmatter: Após mobilizações nas redes sociais procura por influenciadores negros aumenta.
26/06/2020	Fotógrafos contam suas experiências nas manifestações 'Black Lives Matter' em Nova York
16/07/2020	Estátua de manifestante do Black Lives Matter é retirada de Bristol 24h depois
24/07/2020	Sérgio Camargo diz que movimento Black Lives Matter piorou o racismo
11/08/2020	Dia do advogado: conheça Zaira Castro, jurista antirracista que luta pelos direitos das mulheres
16/08/2020	Ruby Bridges escreve livro infantil inspirado nos protestos Black Lives Matter
26/08/2020	Sinto que não é nossa responsabilidade educar os brancos, diz Leigh-Anne em nova série da MTV
26/08/2020	"A polícia precisa ser retratada de forma mais realista na TV", diz Andre Braugher, de Brooklyn 99

Fonte: dados da pesquisa elaborados pelo autor do artigo.

Além desses resultados, foi retornado mais um (1) resultado de 2015. Aparentemente, o *site* Mundo Negro só exibe 10 resultados por consulta, sem páginas adicionais. No corpo de algumas das matérias, é possível encontrar um *hiperlink* para outras postagens relacionadas, o que caracteriza o processo de leitura nesse portal como *hipertextual*.

Já a pesquisa pela expressão "*Black lives matter*" no portal Geledés retornou muitos resultados, agrupados por 11 páginas. Desses, elencamos os seguintes de 2020:

Tabela 2 – Resultados para *"Black lives matter"* no Portal Geledés

Data	Título
15/07/2020	Estátua de manifestante do movimento 'Black Lives Matter' substitui monumento de traficante de escravos em Bristol, Inglaterra
10/07/2020	Nova York estampa slogan 'Black Lives Matter' em frente à Trump Tower
03/07/2020	Menina de 10 anos faz sucesso com música sobre Black Lives Matter: 'Orgulhosa e completamente triste', diz mãe
17/06/2020	Vidas negras importam: Miss Universo apoia movimento Black Lives Matter e luta antirracista
14/06/2020	"As pessoas querem ser escutadas" , diz Cherizar Crippen, líder do Black Lives Matter
08/06/2020	'Black Lives Matter': As três mulheres negras por trás do movimento contra o racismo
07/06/2020	Como falar com sua família branca sobre racismo – Black Lives Matter
30/07/2020	"É uma forma política de se manifestar", diz historiador sobre derrubada de estátuas
27/07/2020	Protestos contra racismo deixam morto e dezenas de presos nos EUA
17/07/2020	Julho das Pretas
13/07/2020	Joice Berth: 'Mobilização de comunidades é resultado do abandono político'
10/07/2020	Vidas negras importam: Ringo se engaja na luta contra o racismo
07/07/2020	Naomi Campbell abre Semana de Moda em Paris com discurso sobre racismo
07/07/2020	Príncipe Harry diz que Commonwealth deve enfrentar seu passado colonial
06/07/2020	Karol Conka reflete os "Tempos Insanos" em novo clipe
03/07/2020	Antirracismo no Brasil: uma tarefa inadiável às pessoas brancas
02/07/2020	76% veem racismo no Brasil, mas só 28% admitem preconceito contra negros
02/07/2020	Enquanto houver racismo, não haverá democracia
01/07/2020	Wall Street: o código racial de que ninguém fala
29/06/2020	Museu remove busto do ex-presidente do COI por causa de "legado racista"
27/06/2020	'Esquerda e direita brasileira são inábeis em incorporar o debate sobre o racismo'

Data	Título
27/06/2020	Da militância de Hamilton à negligência de Djokovic, as diferentes posturas dos ídolos do esporte
26/06/2020	Sorriso amarelo e a luta antirracista OU os tamagotchis da branquitude
22/06/2020	Lewis Hamilton participa de protesto antirracista em Londres
17/06/2020	'Eu Não Sou Negro' abre a janela para discutir sobre o Racismo
17/06/2020	Arcebispo de Cantuária exorta os anglicanos a agir contra o racismo
17/06/2020	#VogueChallenge. Este desafio é de todos e pede mais diversidade na indústria da moda
12/06/2020	O que significa afirmar que as vidas dos negros e das negras importam?
11/06/2020	Manifestantes "decapitam" estátua de Cristóvão Colombo nos Estados Unidos
11/06/2020	Apoio a movimento antirracismo cresce após morte de George Floyd, diz pesquisa
11/06/2020	Discurso da 'passividade' do negro brasileiro é artimanha de ideologia racista
09/06/2020	Norte-americanos brancos se unem aos protestos contra o racismo
09/06/2020	Doze dias que abalaram os Estados Unidos
09/06/2020	Caso George Floyd: 'Os EUA são um experimento social falido', critica filósofo
07/06/2020	Michael Jordan doará R$ 497 milhões a organizações engajadas na causa antirracista
02/06/2020	Conheça 7 intelectuais que nos ajudam a entender o racismo no Brasil
02/06/2020	Viola Davis compartilha link de petição que pede justiça no caso do menino João Pedro
01/06/2020	Protestos por justiça para George Floyd recebem apoio de policiais
31/05/2020	Caso George Floyd: Protestos antirracistas saem dos EUA e chegam a Berlim, Londres e Toronto
30/05/2020	4ª noite de protestos nos EUA por morte de George Floyd deixa mortos e centenas de detidos
15/08/2020	'Espero que no futuro as mulheres possam tomar posse do que é seu', diz a afrotransfeminista Giovanna Heliodoro
15/08/2020	Para além da cor da pele: O racismo estrutural e a violência policial
15/08/2020	Grupo racista dá 48 horas para deputadas negras deixarem Portugal
11/08/2020	Diretor de 'Pantera Negra' fala de filme sobre ativista assassinado: 'Estamos na mesma luta'
11/08/2020	13 microagressões sofridas diariamente por quem é negro
31/07/2020	Único negro dos 81 conselheiros federais propõe cotas raciais para a OAB
29/07/2020	Companhia das Letras tenta combater racismo nomeando editor de diversidade
24/06/2020	#VIDASNEGRASIMPORTAM: e a branquitude depois da hashtag?
19/06/2020	Para você, antirracista
18/06/2020	As diversas formas da violência racista
18/06/2020	As estátuas do nosso desconforto
14/06/2020	Crossfit perde patrocinador e enfrenta crise após tuíte considerado racista
13/06/2020	Band-Aid terá curativos para diferentes tons de pele
06/06/2020	Pilotos reagem à crítica de Hamilton e protestam contra racismo
05/06/2020	Como colaborar com o 'Vidas Negras Importam' sem silenciar o movimento

Fonte: dados da pesquisa elaborados pelo autor do artigo.

Além dessas matérias, encontramos outras de anos anteriores na busca pela expressão "*Black lives matter*": uma (1) de 2010, uma (1) de 2012, catorze (14) de 2015, sessenta e nove (69) de 2016, trinta (30) de 2017, dezessete (17) de 2018, dezesseis (16) de 2019, além de outras quatro (4) de 2020, anteriores às manifestações iniciadas em 26 de maio. Isso nos mostra que, assim como o corpo, a linguagem é atravessada de história.

Black Lives Matter não é uma simples expressão linguística que nomeia um protesto ocorrido em 2020. É a denominação de um movimento criado nos EUA em 2014 para denunciar a violência policial contra a população negra. Observa-se uma maior emergência de enunciados como acontecimentos singulares (FOUCAULT, 2008)

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 30 -47 | jan/abr 2021

acerca desse movimento em 2016, mesmo ano de eleição de Donald Trump para presidente dos EUA, com um forte discurso de ódio a negros, homossexuais e imigrantes.

Após a pesquisa de enunciados nesses dois portais, orientando-nos pelas regularidades discursivas (FOUCAULT, 2008), selecionamos dois enunciados de cada *site*, que tratam sobre os seguintes temas: a morte de George Floyd, os protestos contra o racismo desencadeados por esse assassinato policial e a derrubada de estatuas de escravistas para a edificação de estátuas de manifestantes negros.

Do *site* Mundo Negro, selecionamos as matérias intituladas "BlackOutTuesday: Artistas aderem a campanha em apoio ao movimento negro", publicada em 02 de junho de 2020, e "Estátua de manifestante do Black Lives Matter é retirada de Bristol 24h depois", publicada em 16 de julho de 2020. Do Portal Geledés escolhemos as matérias "Estátua de manifestante do movimento 'Black Lives Matter' substitui monumento de traficante de escravos em Bristol, Inglaterra", publicada em 15 de julho de 2020, e "4ª noite de protestos nos EUA por morte de George Floyd deixa mortos e centenas de detidos", publicada em 30 de maio de 2020.

A análise dos enunciados segue a proposta de análise enunciativa de Foucault (2008), que leva em consideração os princípios de regularidade, dispersão, raridade e descontinuidade, ratificada por Milanez (2019), que considera a descrição da materialidade do enunciado o primeiro passo para sua análise. Ela permite situar o que foi esse acontecimento histórico e sua discursivização pela mídia, que passa por um processo de documentação em fotografias e palavras e conduz à definição do objeto de que se fala, como faremos adiante, com base no arsenal teórico supracitado.

3.EMERGÊNCIAS DO CORPO NEGRO E REINVENÇÃO DA MEMÓRIA COLONIAL: DISCURSOS, SABERES E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA

Após a montagem do *corpus*, reagrupamos os enunciados perseguindo a formações dos objetos (FOUCAULT, 2008). Assim, começamos as análises pelas duas matérias que tratam da morte de George Floyd e dos protestos que a seguiram. A matéria do Portal Geledés, do dia 30 de maio de 2020, foi a primeira desse *site* a tratar dos protestos, noticiando a realização de atos contra a morte de Floyd em mais de 30 cidades americanas, após o policial ter sido detido e acusado de homicídio, mas, após isso, conseguiu a liberdade. Sobre a morte e sua investigação, a matéria apresenta o seguinte:

> George Floyd morreu no dia 25 de maio, depois de ser asfixiado por 8 minutos e 46 segundos pelo policial branco Derek Chauvin em Minneapolis, no estado de Minnesota. Na sexta-feira (29), Chauvin foi detido e acusado de homicídio. Documentos obtidos pela rede americana CNN mostram que a fiança do policial foi estabelecida em US$ 500 mil (cerca de R$ 2,7 milhões).
>
> Segundo a acusação contra Chauvin, ele manteve seu joelho sobre o pescoço de Floyd durante os 8 minutos e 46 segundos, sendo que nos últimos 2 minutos e 53 segundos o homem, negro, já estava inconsciente. A autópsia informou, entretanto, que não houve "nenhum achado físico que apoie o diagnóstico de asfixia traumática ou estrangulamento".

> No entanto, o efeito conjunto de George Floyd ter sido asfixiado mais suas condições de saúde pré-existentes e a possibilidade de haver substâncias intoxicantes em seu corpo "provavelmente contribuíram para sua morte", de acordo com a acusação (GELEDÉS, 2020a, *online*).

Nesse enunciado, ocorre a formação dos conceitos (FOUCAULT, 2008) de branquitude, associada ao policial, homicídio, para caracterizar o ato que ele cometeu, e negritude, para enunciar sobre George Floyd. A noção de branquitude é compreendida aqui como um conjunto de formas de privilégios dos brancos, que inclui o poder de definir o negro como perigoso. Tais conceitos emergem em um embate discursivo entre os saberes científicos que apontam que a morte de Floyd não foi causada diretamente pela ação do policial e os saberes das pessoas (FOUCAULT, 2013b) que assistiram esse acontecimento histórico e o transformaram em discurso.

Apesar de todo o aparato midiático em torno desse caso, a morte de Floyd não foi atribuída ao policial pelos saberes científicos que penetraram seu corpo negro e morto em autópsias para enquadrá-la nas categorias médico-jurídicas da asfixia traumática e do estrangulamento. Em vez de levar em conta a imagem de Floyd sendo assassinado e gritando que não conseguia respirar, a causa de sua morte foi atribuída à sua proveniência (FOUCAULT, 2013a), às condições do seu próprio corpo, caracterizado como um corpo intoxicado por drogas, doente e que, portanto, merecia a morte.

Já em relação aos protestos, a materialidade do enunciado situa esse acontecimento em cinco (5) fotografias das manifestações ocorridas até aquela data. A primeira é de manifestantes brancos segurando faixas. Uma com a frase "*end police violence*" (fim da violência policial), escrita em caixa alta e na cor verde sobre um fundo branco, que suscitam modalidades enunciativas (FOUCAULT, 2008) para quem fala, como grito, esperança e paz, respectivamente. A outra é uma faixa preta com as seguintes informações em branco: Oakland '09; Ferguson '14; Baltimore '15; Minneapolis '20, cores que também suscitam as discursividades da morte e da paz, respectivamente.

Esses nomes são de lugares onde ocorreram mortes violentas de homens negros por policiais brancos, seguidos dos anos do ocorrido. As mortes são explicadas em um "histórico" no fim da matéria. No caso de Baltimore, a morte de Freddie Gray, de 25 anos, sob custódia policial, foi qualificada como homicídio e acabou sendo arquivada. Em tal caso, não havia as condições tecnológicas e sociais que deram grande visibilidade à morte de George Floyd, inviabilizando o confronto entre um saber oficial e os saberes dominados (FOUCAULT, 2013b) que documentaram o acontecimento de sua morte.

Há uma terceira fotografia de uma mão negra segurando um cartaz com a frase "*Black lives matter*" com a primeira e a última palavra em vermelho e a do meio em preto, em um fundo branco, suscitando posições como a morte, o luto e a paz; uma fotografia de um homem caminhando em frente a um muro pichado com a frase, em vermelho, "*kill one back*" (mate um de volta) que materializa o assassinato, além da foto de um carro pegando fogo e um manifestante jogando extintor de incêndio em um prédio em chamas.

Nesses protestos, morreram um jovem de 19 anos, que "foi atingido depois que uma pessoa passou atirando de dentro de um carro contra uma multidão que protestava no centro de Detroit, no Michigan" (GELEDÉS, 2020a, *online*), e um agente

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 30 -47 | jan/abr 2021

federal, baleado durante as manifestações em Oakland. Trata-se de uma história de corpos alvejados por armas de fogo enquanto empreendem resistências e disciplinamentos. Além dessas mortes, houve pessoas atingidas por tiros, mas que sobreviveram, outras foram presas, houve vandalismo, roubos, incêndios e ataques à polícia, conforme dados da CNN americana, que embasa essa matéria, a qual foi replicada do portal G1, da Rede Globo.

Tal acontecimento é construído de embates não só de corpos, mas também de discursos. Enquanto Ted Wheeler, prefeito de Portland, no Oregon, condenou os protestos pela ocorrência do que considera vandalismo, dizendo que " Isso não é pedir mudança significativa nas nossas comunidades, isso é nojento" (GELEDÉS, 2020a, *online*), uma manifestante, identificada como Chelsea Peterson, disse que foi ao protesto porque "era importante para mim como uma pessoa branca participar porque é nossa responsabilidade desmantelar os sistemas de opressão que criamos" (idem).

As falas aqui apresentadas apontam para diferentes posicionamentos dos sujeitos (FOUCAULT, 2008) sobre esse acontecimento histórico. São diversos modos de enunciar as manifestações contra o racismo e a violência policial. Por um lado, aqueles que os consideram violentos e caóticos, como o faz o prefeito de Portland, local em que, assim como em Ohio, houve declaração de estado de emergência, com toque de recolher, além da ativação da Guarda Nacional em Minneapolis, pela primeira vez após a Segunda Guerra Mundial. Por outro lado, pessoas brancas apoiaram as manifestações e foram com seus corpos protestar contra esse sistema de poder.

Assim, a primeira reportagem de Geledés apresenta o acionamento da força policial para gerenciar as formas de resistência e sancionar as ações dos corpos dos sujeitos que protestam contra as violências e racismos da própria estrutura do Estado. Já na matéria do Mundo Negro, publicada em 02 de junho de 2020, de autoria de Thais Prado, redatora do *site*, trata-se da participação de pessoas famosas em eventos ligados ao *Black lives matter*, as quais registraram essa história, neste momento presente, utilizando a música para sinalizar apoio aos protestos. Um dos trechos é o que segue:

> Movimento organizado por Jamila Thomas e Brianna Agyemang, duas mulheres pretas da música acontecerá para protestar e para apoiar os protestos antirracistas que tomaram conta de diversas cidades dos Estados Unidos após a morte de George Floyd, homem negro morto por um policial branco (PRADO, 2020b, *online*).

A matéria acime é escrita sem maiores atenções à norma padrão da língua portuguesa. Escrita em pretuguês (GONZALES, 1984), aponta para a ligação do sujeito que enuncia (FOUCAULT, 2008) com o grupo afrodescendente, ou seja, situa sua proveniência (FOUCAULT, 2013a) e justifica o modo de enunciar o racismo.

O enunciado se materializa com a frase #BlackOutTuesday, escrito com letras brancas em um fundo preto, suscitando as posições de luto e paz para o sujeito que enuncia (FOUCAULT, 2008). A morte de George Floyd ocorreu em 25 de maio de 2020 e os protestos que a seguiram começaram no dia 26 de maio, em Minneapolis, Minnesota, nos Estados Unidos. Esse evento foi importante porque ocorreu em meio à pandemia do corona vírus e fez com que as pessoas saíssem do isolamento social, causando aglomerações, resistindo às recomendações sanitárias da Organização Mundial da Saúde (OMS) e expondo seus corpos ao risco de adoecimento e morte.

Por outro lado, esse acontecimento ganhou maior visibilidade nas mídias em virtude desse mesmo isolamento social, pois as pessoas estavam mais tempo dentro de casa e utilizando as mídias sociais como forma de sociabilidade. Esse acontecimento passou a ser mais discursivizado e, ao mesmo tempo, mais visto, ou seja, ocorreu uma maior produção e circulação desse acontecimento como discurso.

O uso da *hashtag* (#) na matéria simboliza a manifestação virtual. As artistas são enunciadas como formadoras de opinião, ou seja, pessoas que utilizam de seu poder de mobilização social para formular e pôr em circulação saberes dominados (FOUCAULT, 2013b), que irão enfrentar diversas formas de saberes hierarquizantes, que disciplinam e supliciam o corpo negro. A autora da matéria também se posiciona como sujeito que governa (FOUCAULT, 2009), instruindo o leitor a utilizar a *hashtag* em apoio ao movimento, instando-o a fazer um uso correto desse recurso, sem utilizar mais de uma na mesma postagem, de modo a auxiliar quem faz procura por esses temas na *internet*.

No Brasil, em virtude do isolamento social, a *internet* foi a principal forma de manifestação das pessoas em relação aos acontecimentos de assassinatos de pessoas negras pela polícia. Em seguida à morte de Floyd, nos EUA, João Pedro foi assassinado dentro de casa, no Rio de Janeiro, e uma criança negra morreu em Recife, levando as pessoas a protestarem nas redes sociais de forma simbólica, colocando um fundo preto, em sinal de luto, e elaborando "textões" sobre as operações policiais nas favelas cariocas. Em todo caso, trata-se de embates de corpos, ainda que virtualmente.

Passemos aos dois enunciados que tratam do corpo esculpido de Jen Reid, colocando em questão as lutas pela memória e a participação do negro na formação social, questão que emerge após a morte de Floyd. No Geledés, foi publicada uma matéria em 15 de julho de 2020 sobre a edificação da estátua da manifestante britânica Jen Reid, que substituiu a do escravocrata Edward Colston (1636-1721), edificada em 1895, em bronze e, depois, jogada no rio Avon, em junho, por manifestantes do *Black lives matter*.

A disputa pela memória situa um conjunto de atos de rememoração/comemoração (LE GOFF, 1990) em torno de processos civilizatórios do povo britânico e também em outras partes do mundo, pois essa luta tornou-se transversal (FOUCAULT, 2009). A memória é essencial à manutenção da identidade de um povo ou nação, sendo alvo de disputas de poder de determinar o que deve ser lembrado ou esquecido. Ela ordena os fatos históricos em narrativas e cronologias de acontecimentos que serão acionados por operações de rememoração, que é uma de suas formas de funcionamento, e comemoração, que é compreendida como "a celebração através de um momento comemorativo de um acontecimento memorável" (LE GOFF, 1990, p. 432). A comemoração assume as formas de inscrição, construção de monumentos, arquivos, bibliotecas, museus, emissão de documentos, etc.

O jornalista é um profissional da memória e as mídias revolucionaram a operação de comemoração/rememoração. No enunciado em questão, temos, de um lado, a história narrada sob a perspectiva dos escravocratas elevados à categoria de heróis e, de outro lado, a edificação da estátua de uma mulher negra que luta por igualdade racial. O acontecimento da edificação da escultura é narrado da seguinte forma no portal: "com os debates acerca da justiça racial e do racismo, o objeto vinha se tornando cada vez mais controverso e foi alvo durante as manifestações que aconteceram depois da morte do segurança negro, George Floyd, nos Estados Unidos" (GELEDÉS, 2020b, *online*).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 30 -47 | jan/abr 2021

Nesse excerto, ocorre a formação dos conceitos (FOUCAULT, 2008) de justiça racial e de racismo. Apesar da historicidade dos debates em torno desses temas e de inúmeros pessoas se dizerem não racistas ou antirracistas, eles emergem em virtude da persistência da intolerância contra os negros. Esse debate perpassa a exclusão social, a marginalidade e a negação de direitos essenciais, questões postas em pauta na luta pela memória social e nas discussões de pensadores como Gonzales (1984) há décadas.

A estátua da manifestante negra foi projetada pelo artista britânico Marc Quinn. O monumento é apresentado na materialidade do enunciado e descrito como "uma manifestante negra do movimento que surge com o punho erguido em uma saudação ao Black Power" (GELEDÉS, 2020b, *online*), movimento de empoderamento dos negros. O gesto corporal da estátua é famoso por ter sido feito pelo grupo americano Panteras Negras, de luta contra o racismo, e foi reproduzido diversas vezes nas manifestações.

Ele nos coloca diante de um corpo atravessado de história (FOUCAULT, 2013a), visto que remete a mais de 50 anos de lutas contra o racismo e se atualiza nos protestos contra a morte de George Floyd. O gesto foi reproduzido por um homem negro em São Paulo, enquanto era confrontado por um grupo de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, e feito também pela filósofa americana Ângela Davis, quando participou das manifestações antirracistas. As fotografias de pessoas fazendo esse gesto foram divulgadas nas mais variadas mídias, saturando-se por essa incessante repetição e se atualizada pelo acontecimento que envolve o enunciado (FOUCAULT, 2007).

Jen Reid foi fotografada reproduzindo tal gesto ao voltar de uma manifestação em junho, quando o pedestal com a estátua de Colstol estava vazio. Essa fotografia serviu para a realização da escultura em tamanho real, utilizando resina preta. A obra representa para o artista, conforme uma fala sua reportada na matéria, "uma personificação e amplificação das idéias e experiências de Jen, e do passado, presente e sua esperança de um futuro melhor (sic.)" (GELEDÉS, 2020b, *online*).

A escultura, denominada "*A Surge of Power* (Jen Reid) 2020", foi retirada porque o artista não tinha autorização para deixá-la no local. Mesmo assim, sua elaboração foi um acontecimento registrado, tornando-a um enunciado com ligação com todos os pontos da história, como consta na fala de Marc Quinn supracitada, ou seja, é uma materialização das lutas antirracista do passado, do presente e do futuro, delineando desde já sua inscrição em uma série enunciativa (FOUCAULT, 2008).

Esse acontecimento foi noticiado no *site* Mundo Negro, replicando uma matéria publicada originalmente pela revista Marie Clarie para o Globo.com, como segue:

> A escultura de uma manifestante do movimento Black Lives Matter, que substituiu a estátua do comerciante de escravos Edward Colston em uma praça de Bristol, na Inglaterra, foi removida 24 horas depois de ter sido colocada no local. Uma porta-voz do conselho da cidade confirmou que a imagem seria levada para um museu para que o artista Marc Quinn pudesse retirar ou doar para a coleção (PRADO, 2020c, *online*).

Mesmo não tendo permissão para lembrar as lutas do passado e as atuais contra o racismo, a escultura foi considerada uma obra de arte, podendo ficar restrita ao museu, lugar de memória por excelência, ou devolvida a seu autor. A permissão não foi dada

porque a obra ficaria em um local onde ela iria sempre lembrar aos transeuntes que houve um período em que pessoas negras eram vendidas para realizar trabalhos forçados e que, na atualidade, ainda se têm remanências desse regime escravocrata, pois as pessoas que o perpetraram são rememoradas como heróis, ao passo que a justiça social para os negros nunca foi efetivada em nenhum país, diferente do que ocorreu com muitos escravistas, que foram indenizados pelos governos de diversos países.

Esse ato atesta que há uma luta em torno da memória social inglesa sobre a escravidão. A escultura representa um processo de rememoração (LE GOFF, 1990) da participação do negro na formação do povo britânico, além de retificar os significados do processo de civilização da Europa, conforme outro excerto da mesma matéria:

> Nas redes sociais, manifestantes dizem que o conselho deveria ter permitido que a estátua com a imagem da manifestante Jen Reid permanecesse no local por mais tempo, considerando que a escultura de Colston esteve no mesmo local por mais de um século (PRADO, 2020c, *online*).

Desse modo, as lutas contra a morte de George Floyd tornaram-se transversais e contra diversas formas de sujeição (FOUCAULT, 2009). O corpo é a superfície de emergência desse acontecimento (FOUCAULT, 2013a), o local em que ele se inscreve. Foi a partir do acontecimento do corpo negro asfixiado de George Floyd e sua difusão em imagem fixa, em movimento e áudios que emergiram diversos enunciados, os quais registram e interpretam a história do tempo presente na mídia alternativa e corporativa.

Tal acontecimento ressonou no corpo de Reid, edificado em resina preta e distribuído em praça pública aos olhares que o fitam com coragem e aos que dele desviam para não lembrar do racismo. Essa irrupção de enunciados feita pelas mídias situa formas de emergência do acontecimento e de proveniências do corpo (FOUCAULT, 2013a) em uma história genealogicamente organizada, cuja origem se dissipou.

CONCLUSÕES

Neste artigo, analisamos quatro enunciados da mídia que discursivizam os acontecimentos da morte de George Floyd por asfixia e as manifestações que se seguiram a ela, entre as quais houve a edificação de uma escultura da manifestante Jen Reid. Esses enunciados nos situam na história arruinando o corpo (FOUCAULT, 2013a) negro.

Para realizar essa discussão, apresentamos algumas considerações teóricas acerca do acontecimento, do corpo e do saber dominado, de modo a questionar o lugar do corpo negro na história de países colonizados, além das situações enfrentadas por sujeitos negros que fazem entrever o funcionamento de uma necropolítica (MBEMBE, 2016).

Encetamos algumas considerações metodológicas para a realização da análise enunciativa a partir das materialidades discursivas veiculadas na mídia. Pelas análises dos enunciados, concluímos que, nas reportagens dos dois *sites* em que o objeto de discurso é a morte de Floyd, há a formação alguns conceitos, como os de branquitude, negritude, justiça social, racismo, que vão constituir temas, organizar as formas estratégicas de apresentação do enunciado e delimitar os modos de os sujeitos se posicionarem sobre eles.

CC BY NC SA

A materialidade dos enunciados também suscita posições sobre quem fala, como os sentidos de morte, luto, paz, que perpassam o cromático enunciativo dos dois *sites*, situando-os como superfície de emergência de denúncias contra a violência policial, em vez de buscar um lugar de suposta neutralidade, além de se posicionarem em defesa das lutas dos negros por uma memória social que lembre os seus feitos na história.

Além disso, as modalidades enunciativas (FOUCAULT, 2008) apresentadas nessas duas mídias alternativas são de pessoas negras, para um público negro, mas são enunciados elaborados a partir de formulações da grande mídia, além de apresentar matérias já veiculadas nos grandes portais, atestando a colaboração entre essas mídias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. de. **A ideologia da decadência**: leitura antropológica a uma história de agricultura do Maranhão. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Casa 8/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

CAPELATO, M. H. História do tempo presente: a grande imprensa como fonte e objeto de estudo. *In:* DELGADO, L. de A. N.; FERREIRA, M. de M. (Org.) **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p. 299-315.

COURTINE, J.J. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. Trad. Carlos Piovezani. *In:* SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (orgs.). **Análise do discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, p. 11-19.

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. *In:* FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975/1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285-315.

____. A vida dos homens infames. *In:* ____. **Ditos & Escritos IV**: Estratégia, Poder-Saber. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222.

____. **A ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

____. O sujeito e o poder. *In:* DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 231-249.

____. Nietzsche, a genealogia e a história. *In:* FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013a, p 55-86.

____. Genealogia e poder. *In:* FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013b, p 262-277.

GELEDÉS. 4ª noite de protestos nos EUA por morte de George Floyd deixa mortos e centenas de detidos. Portal Geledés. São Paulo, violência racial e policial, 30 mai. 2020a, online. Disponível em: https://www.geledes.org.br/4a-noite-de-protestos-nos-eua-por-morte-de-george-floyd-deixa-mortos-e-centenas-de-detidos/. Acesso em: 29 ago. 2020.

GELEDÉS. Estátua de manifestante do movimento 'Black Lives Matter' substitui monumento de traficante de escravos em Bristol, Inglaterra. Portal Geledés. São Paulo, Em pauta, Esquecer? Jamais, 15 jul. 2020b. Disponível em: https://www.geledes.org.br/estatua-de-manifestante-do-movimento-black-lives-matter-substitui-monumento-de-traficante-de-escravos-em-bristol-inglaterra/. Acesso em: 29 ago. 2020.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In:* **Revista Ciências Sociais Hoje**. Fortaleza, p. 223-244, 1984.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 30 -47 | jan/abr 2021

JENKINS, H. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**. Rio de Janeiro, n. 32, 2016, p. 123-151. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993. Acesso em: 09 ago. 2020.

MILANEZ, N. **Audiovisualidades**: elaborar com Foucault. Londrina, PR: Eduel; Guarapuava, PR: Ed. Unicentro, 2019.

PRADO, Thais. Estátua de manifestante negra é erguida no lugar da que representava o escravagista Edward Colston. **Mundo Negro**. São Paulo, 15 de julho de 2020a, online. Disponível em: https://mundonegro.inf.br/estatua-de-manifestante-negra-e-erguida-no-lugar-da-que-representava-o-escravagista-edward-colston/. Acesso em: 29 ago. 2020.

____. BlackOutTuesday: Artistas aderem a campanha em apoio ao movimento negro. Mundo Negro. São Paulo, Comunidade negra, Noticiário, 02 jun. 2020b, online. Disponível em: https://mundonegro.inf.br/blackouttuesday-artistas-aderem-a-campanha-em-apoio-ao-movimento-negro/. Acesso em: 29 ago. 2020.

____. Estátua de manifestante do Black Lives Matter é retirada de Bristol 24h depois. Mundo Negro. São Paulo, Comunidade negra, Noticiário, 16 jul. 2020c, online. Disponível em: https://mundonegro.inf.br/estatua-de-manifestante-do-black-lives-matter-e-retirada-de-bristol-24h-depois/. Acesso em: 29 ago. 2020.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: companhia das Letras, 1993.

TAKAHASHI, Henrique Yagui. Sorriso amarelo e a luta antirracista OU os tamagotchis da branquitude. **Portal Geledés**. São Paulo, Guest Post, Questão Racial, 6 jun. 2020, online. Disponível em: https://www.geledes.org.br/sorriso-amarelo-e-a-luta-antirracista-ou-os-tamagotchis-da-branquitude/. Acesso em: 29 ago. 2020.

WEFFORT, F. Jornais são partidos? *In:* **Lua Nova**, São Paulo, v. 1, nº. 2, 1984. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451984000200008. Acesso em: 25 fev. 2019.

Recebido em 11/01/2021
Aprovado em 02/08/2021